

Economia em recuperação

* 8 ABR 1992

JORNAL DO BRASIL

■ Fiesp detecta maior nível de emprego e exportação eleva vendas das indústrias

SÃO PAULO — O presidente da Fiesp, Mário Amato, estava certo ao afirmar, anteontem, que o pior da crise já passou e que já se podia vislumbrar em alguns segmentos uma ligeira retomada dos negócios ainda neste mês. O próprio relatório do nível de emprego da entidade aponta setores que contratam timidamente — como refrigeração, óleos comestíveis, produtos farmacêuticos e alimentos em conserva — ou que mantêm estáveis os quadros de funcionários (relojaria, forjaria e aparelhos eletrônicos e elétricos). Uma conversa com os empresários revela, de fato, que as coisas estão melhores.

Celso Hahne, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico, diz que as demissões foram interrompidas. A ociosidade no setor está em 35%, mas era de 50% há dois meses. “Foi uma elevação gradativa do número de pedidos. Por mês temos capacidade de processar 120 mil toneladas e agora estamos operando com 80 mil”, informou. As negociações com os clientes foram interrompidas este mês, explicou, mas trata-se de fato normal: “Estamos num período de acerto de salários e, portanto, de preços. Na próxima semana, por causa da aproximação do Dia das Mães, achamos que novos pedidos serão feitos. Tem também a indústria automobilística, que voltará agora a produzir.”

Exportação — Outro segmento que está otimista é o calçadista. Em Franca, informou José Carlos Brigagão, da Sambinos Calçados e Artefatos Ltda., as demissões deixaram de ser feitas. As grandes fábricas vendem praticamente toda a produção, já que têm a saída da exportação. “Sofrem mais os que dependem muito do mercado doméstico. Nas grandes, 90% da produção vão para o exterior.” Internamente, Brigagão, que há pouco tempo era diretor da Sândalo, disse que só se vendem calçados de baixo valor. “Nesse aspecto se beneficiam as pequenas empresas.” A Sambinos, observa José Carlos Brigagão, fabrica hoje três mil solados por dia, vende 90% para Estados Unidos, Porto Rico e Japão. “Se tivéssemos capacidade para cinco mil peças venderíamos tudo”, garante.

Brigagão disse que não há ociosidade nas grandes indústrias de calçados do país, mas nas pequenas, que não têm a exportação como saída, muitas operando com apenas metade da capacidade. No ramo têxtil, informou o Sindicato Nacional das Indústrias Têxteis, a utilização da capacidade instalada passou de 40% em dezembro passado para os atuais 60%. A dispensa de pessoal também virou coisa do passado, embora em 1990 se tenha feito um ajuste drástico: cortou-se 25,23% de um universo estimado em três milhões de empre-



Arquivo

Brigagão: setor calçadista de Franca já não demite

gos diretos, da colheita do algodão ao tecido. As exportações respondem muito por esse dado favorável: subiram da média anual de US\$ 1 bilhão para US\$ 1,2 bilhão no ano passado e, para 1992, espera-se fechar contratos num total de US\$ 1,8 bilhão. Se as exportações, contudo, mantêm os históricos, de 10% a 15% sobre o volume produzido, significa que todas as fábricas têm maior atividade e o mercado interno, talvez impulsionado pela moda outono/inverno, também passou a comprar mais.

Na Dow Química, disse o diretor Paulo Russomano, do Departamento de Produtos Químicos, houve ligeira retomada de vendas a partir de março. Alguns de seus clientes, como papel e celulose, alumínio, tintas e fábricas de carpetes, passaram a comprar pouco a mais. “Não acho que isso seja aumento de demanda, mas uma tentativa de essas empresas se livrarem de estoques. Além disso, as compras são cíclicas: ora um segmento entra comprando, pára em seguida e entra outro. Esse revezamento permite dizer que não é ainda um movimento de recuperação”, explicou Russomano. Segundo ele, a produção de soda cáustica/ano da Dow é de 270 mil toneladas. Neste ano, garantiu, o volume não passará de 240 mil. “Mas será ainda um bom número, que evita demissões. Fecharemos nos mesmos padrões do ano passado.”